

CERCA DE SANTO AGOSTINHO, COIMBRA

ESTUDO PRELIMINAR DAS FASES EVOLUTIVAS E LINHAS PARA A SUA RECUPERAÇÃO

SARA ALMEIDA Arqueóloga, Gabinete para o Centro Histórico da Câmara Municipal de Coimbra
SUSANA TEMUDO Arqueóloga, Gabinete para o Centro Histórico da Câmara Municipal de Coimbra
JOANA MENDES Arquitecta Paisagista, Gabinete para o Centro Histórico da Câmara Municipal de Coimbra
SOFIA RAMOS Arquitecta, Gabinete para o Centro Histórico da Câmara Municipal de Coimbra
ANTÓNIO CUNHA Engenheiro, Gabinete para o Centro Histórico da Câmara Municipal de Coimbra

RESUMO Inscrita em plena colina genética de Coimbra, a Cerca do Colégio de Santo Agostinho reflecte de forma brilhante a capacidade de conciliar os preceitos culturais dos regantes de Santo Agostinho e as condicionantes impostas pela morfologia do terreno e escassez de espaço disponível, com que aqueles se depararam. O resultado deste esforço resulta numa descontinuidade física entre o edifício colegial e a sua cerca, quebrada apenas pelo estabelecimento de uma ligação por passagem sobre a via pública alcançada através da abertura de uma porta na muralha da cidade. Trata-se assim de um espaço perfeitamente delimitado e sujeito a grandes constrangimentos topográficos dos quais o principal resulta da sua localização sob a muralha, num terreno marcado por vertentes de declive abrupto.

A realização de uma intervenção arqueológica prévia face à concepção de um projecto de recuperação do espaço permitiu delinear *grosso modo* a evolução deste recinto desde a sua estruturação até à actualidade.

Com base nestes resultados pretende-se oferecer uma visão dinâmica dos principais momentos construtivos que ditaram a organização da Cerca (entre os séculos XVII a XX), tendo em linha de conta que a sua conformação original resulta igualmente da incorporação/absorção de elementos pré-existentes referentes à anterior Cerca do Mosteiro de Santa Cruz e Cerca da Judiaria que acrescentam complexidade à interpretação dos elementos construídos.

PALAVRAS-CHAVE Arqueologia urbana, cerca colegial, paisagem urbana

INTRODUÇÃO À CERCA DO COLÉGIO DE SANTO AGOSTINHO

A presença dos Cónegos Regrantes, em Coimbra, introduzida primeiramente na Sé Episcopal, pela mão de D. Palermo, precede a fundação da nacionalidade.

Nos começos do século XII, o estabelecimento do Mosteiro de Santa Cruz, consagra a ascendência da ordem, cujo relevo e influência na esfera da governação do reino se fará sentir de forma ascendente desde então (Nicolau de Santa Maria, 1668).

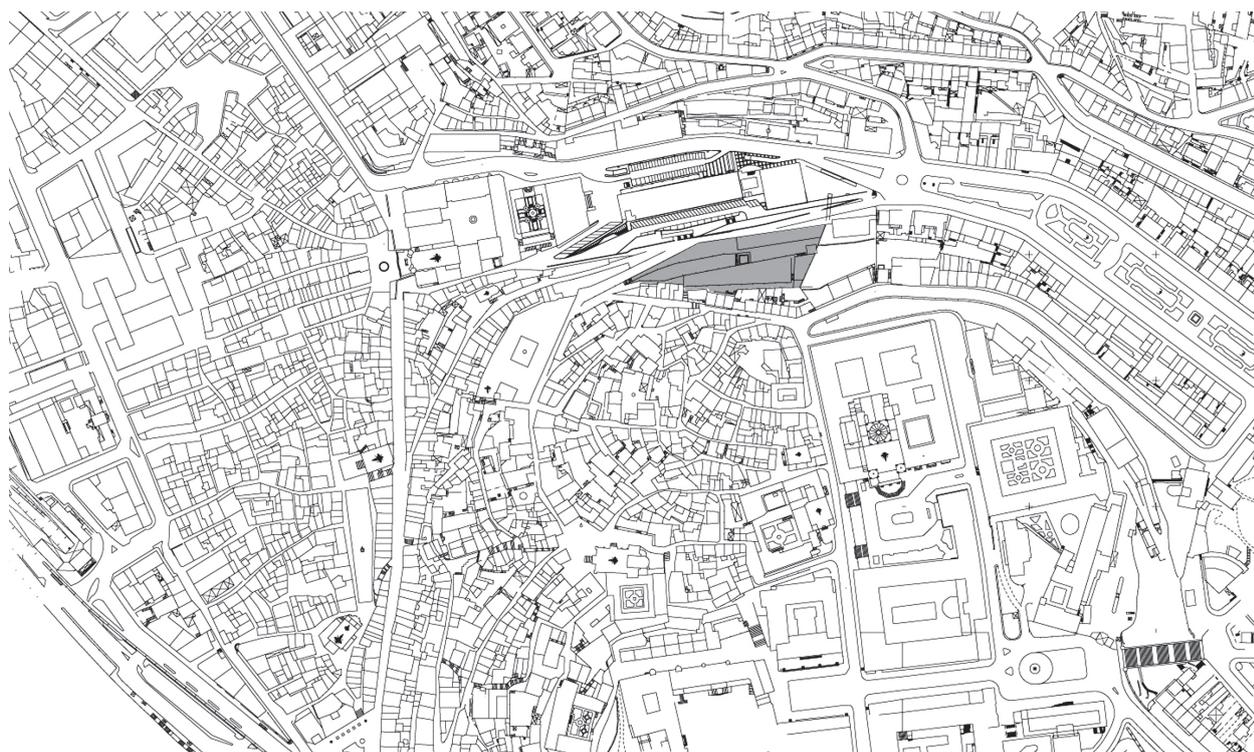
No que respeita à actividade educativa e formadora, o mosteiro dispusera até Época Moderna, de dois colégios integrados (S. João Baptista e S. Agostinho) que se desfizeram após a passagem da Universidade para os Paços. Nesta altura, o advento dos colégios universitários, bem como os inconvenientes causados pela manutenção do colégio independente, no interior do mosteiro, despoletaram a necessidade da Congregação possuir colégio próprio fora dos muros da clausu-

ra, à semelhança do que sucedia com as outras ordens (Borges, 2003).

Tal necessidade viu-se satisfeita com a criação do colégio de Santo Agostinho, em seiscentos, decorrente da profunda reforma cruzia, pautada pelo espírito renascentista e que aquilatava a longa vocação escolar do mosteiro. Esta missão foi confiada por D. João III a Frei Brás de Braga, membro da ordem de S. Jerónimo e executada, não sem resistência da parte dos cruzios. Consumada a reforma, o Mosteiro de Santa Cruz assume-se como a primeira das grandes escolas Portuguesas do Renascimento (Brandão, 1937, p. 14).

O Colégio de Santo Agostinho (também designado da Sapiência ou Colégio Novo) consagra assim, ao nível da Ordem, uma nova organização da vida escolástica autonomizada da vivência monástica e numa manifesta tendência de secularização do ensino.

Implantando-se nos domínios da casa-mãe e inscrita em plena colina genética de Coimbra, a nova "casa" reflecte, de forma brilhante, a capacidade de conciliação



1. Localização da Cerca na planta de Coimbra (Esc. 1. 10 000).

das sujeições de uma ordem regular, dos seus preceitos culturais (Braga, 1558) e das condicionantes impostas pela caprichosa morfologia do terreno e escassez de espaço disponível. O resultado deste esforço resulta na descontinuidade física entre o edifício colegial e a sua cerca, contrariada pelo engenhoso estabelecimento de passadiço sobre a porta aberta na muralha da cidade. O recinto da Cerca corresponde assim a um espaço perfeitamente delimitado e sujeito a grandes

constrangimentos topográficos, dos quais se destaca a sua localização sob a Couraça, num terreno marcado por vertentes escarpadas.

Actualmente o recinto preserva a sua configuração em patamares (sustentados por um sistema de muros de contenção) e, em grande medida, a sua delimitação original (figs. 1 e 2). A cerca correspondia assim a um espaço destinado ao recreio, passeio e meditação, sem quebra de clausura, em observação às determinações



2. Vista panorâmica actual da Cerca de Santo Agostinho (foto tirada de Sul).

de Frei Brás de Braga e à regra dos *dies rusticationes*. Estas actividades desenvolver-se-iam, preferencialmente, nos tabuleiros superiores, onde se instalaram diversas estruturas votadas para o efeito, como a colunata, Capela, Casa de Fresco e Casa da Cerca. Os patamares inferiores, providos com um sistema de aproveitamento de águas, compreendendo estruturas de captação (mina), transporte (rede de canaletes) e reserva de água (tanque) proporcionavam-se a actividades mais prosaicas, associadas à exploração de pomar e hortas.

2. A INTERVENÇÃO

A intenção da Santa Casa da Misericórdia de Coimbra, proprietária do espaço, de aí instalar um lar de terceira idade, desencadeou, simultaneamente, a realização de uma intervenção arqueológica de avaliação e diagnóstico e a concepção de um projecto de recuperação do espaço¹.

Os dados recuperados no decurso da escavação arqueológica, e a análise dos elementos murários estruturantes do espaço, conjugados com a análise das fontes documentais, permitem traçar uma proposta da evolução deste recinto desde a sua concepção à actualidade e que constitui objecto da presente publicação.

3. A EVOLUÇÃO DO ESPAÇO

3.1 Estruturação do espaço – século XVII

Do momento anterior à construção do Colégio pouco se pode recuperar acerca da ocupação e configuração do espaço, para além de algumas notas dispersas pelas fontes escritas e indícios pontuais integrados nas unidades construtivas constituintes da Cerca. Assim, é-nos dado a conhecer que aquando da aquisição de terrenos para implantação do complexo os cónegos procederam à compra de um *Chão à Porta Nova com seu muro e barbacã* (Silva, 1922). A contiguidade à linha de muralha e modelação natural do terreno, íngreme e escarpada, fazem desta uma zona despejo autorizado, onde a população lançava detritos (queimados no século XVI num forno dos monturos (Alarcão, 2008, p. 244). Para além destas referências importa assinalar, ao nível dos testemunhos arquitectónicos, a identificação de estruturas pré-existentes, assimiladas nas construções da Cerca. Destas há a destacar uma provável torre cujas ombreiras da porta e fresta são perceptíveis na zona de encosto entre a base da capela e o muro de



3. Aspecto da Base da Capela, em primeiro plano ombreira da porta e da fresta da possível torre.

sustentação de terras contíguo (fig. 3).

Desta feita, pese embora admitindo a hipótese da assimilação, no projecto colegial, de elementos de épocas anteriores, os dados disponíveis não autorizam uma clara definição destes, nem o estabelecimento da sua atribuição temporal.

Efectivamente, conquanto a intervenção arqueológica permita caracterizar pontual e parcialmente os elementos constituintes do espaço, o seu carácter circunscrito deixa em aberto a clarificação de diversos aspectos de pormenor do processo de transformação do sítio.

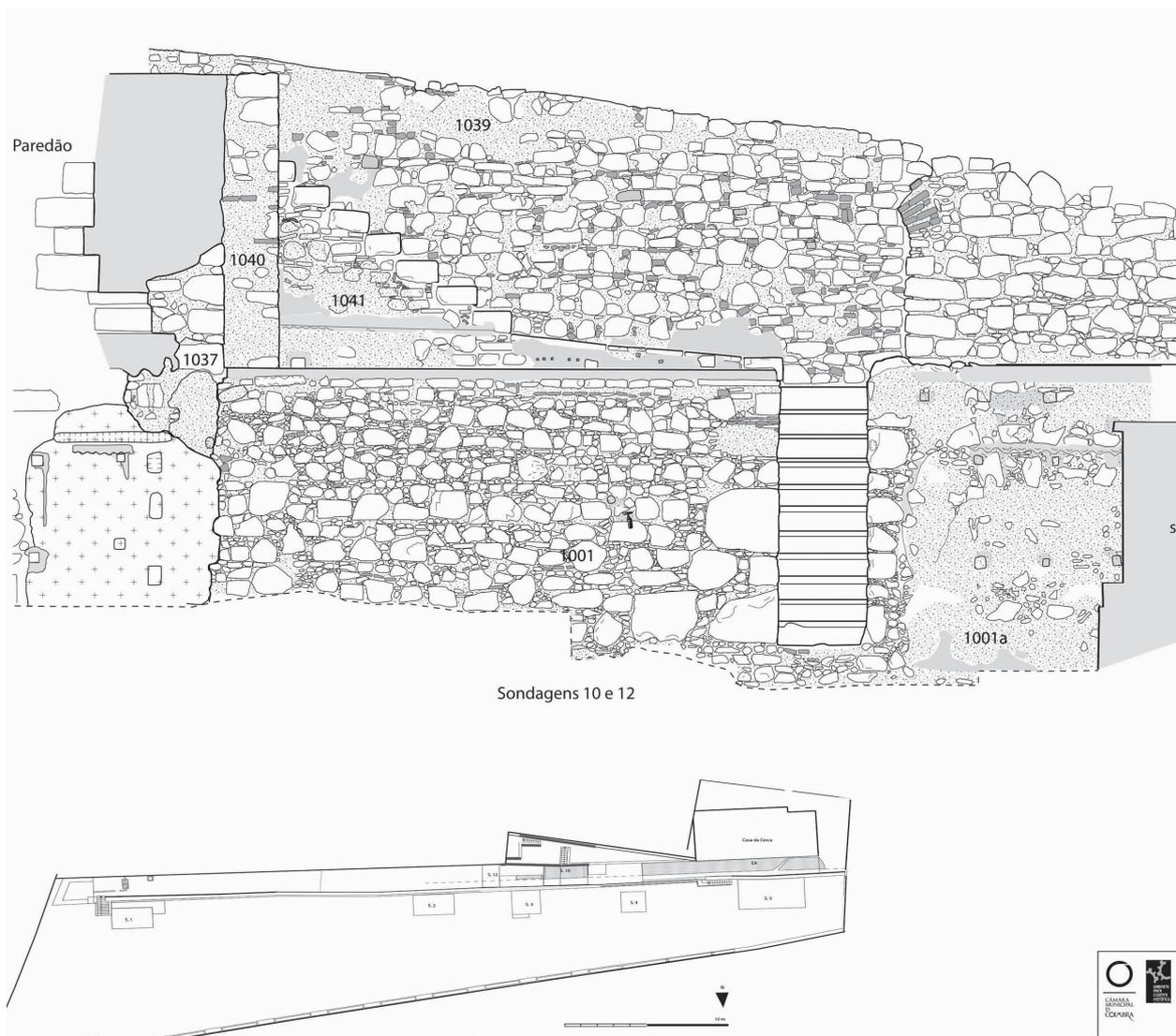
Neste contexto, a realização de sondagens arqueológicas, no segundo patamar, possibilitou enquadrar no século XVII a edificação do respectivo muro de contenção (e por extensão a conformação dos patamares inferiores).

Ou seja, fica assim associada a construção dos patamares ao momento de criação da Cerca colegial.

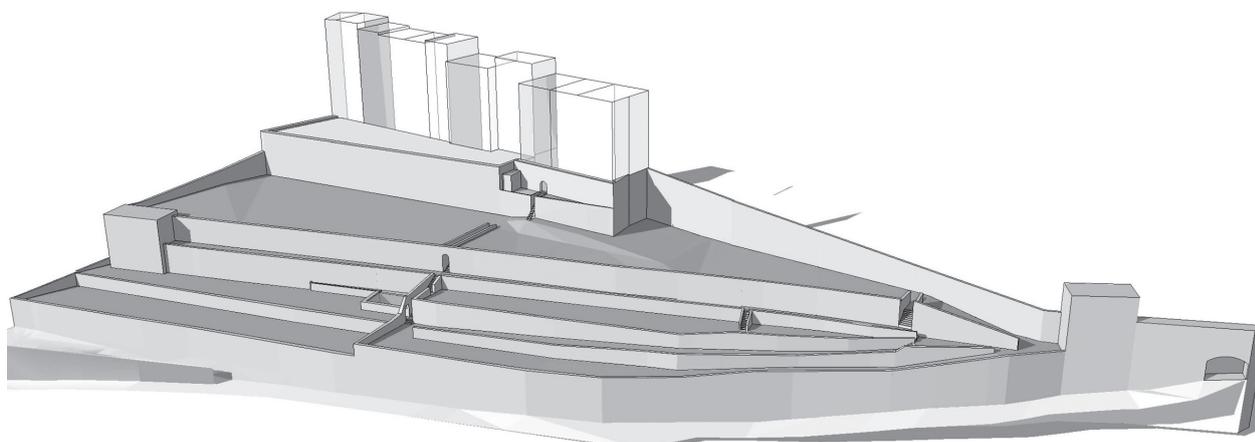
Neste período, opera-se, assim, o processo de concepção e estruturação do recinto, traduzido na modelação geral do terreno, com construção das plataformas artificiais e estabelecimento dos principais eixos de circulação.

Deverá datar desta fase o traçado de um corredor de

1. À data de entrega do artigo para publicação, a Santa Casa da Misericórdia de Coimbra, havia declarado a sua desistência do *Projecto de Edificação do Lar de Terceira Idade e Recuperação da Cerca de Santo Agostinho*.



4. Unidades murais confinantes com a cisterna, com destaque para os vestígios do vão que concedia acesso ao lote da Couraça dos Apóstolos.



5. Proposta de reconstituição da Cerca de Santo Agostinho no século XVII.

circulação primitivo, que atravessava transversalmente todo o recinto. Este eixo consistia numa escadaria central que estabelecia a ligação entre os patamares inferiores e superiores e que teria continuidade em direcção à Couraça dos Apóstolos, comprovada no vão detectado no muro meridional de delimitação (fig. 4).

Atente-se que o primitivo despojamento da Cerca (fig. 5) deve ser entendido no contexto do processo de edificação global do complexo colegial, em que se terão canalizado, certamente, a maioria dos recursos e meios disponíveis, para a construção do edifício principal.

3.2 Reforma do espaço – século XVIII

No decurso do século XVIII, já após a conclusão das obras no colégio, assiste-se ao empreendimento de uma reforma da Cerca, que se vê beneficiada com a construção de diversas estruturas de apoio e embelezamento do espaço (fig. 6).

A Casa de Fresco, a Capela e a Casa da Cerca emergem, desta forma, como pólos aglutinadores e de convergência do espaço. A este propósito, embora não disponhamos de elementos incontestáveis, é de crer que a edificação da cisterna, no patamar superior, se reporta a esta Época. Com a construção destes edifícios define-se então um circuito superior (por oposição ao Norte/Sul) pontuado por instalações, onde os cônegos se podem entregar à meditação, oração e inclusive estudo. A este respeito refira-se que os detalhes decorativos e boas condições de iluminação da Casa da Cerca deixam antever que esta possa ter funcionado como pavilhão de estudo e/ou biblioteca.

É precisamente neste momento, que se estabelece o ordenamento funcional do espaço, em que os patamares superiores se vêem consagrados a actividades de recreio e contemplação, relegando-se a prática agrícola para os patamares inferiores.

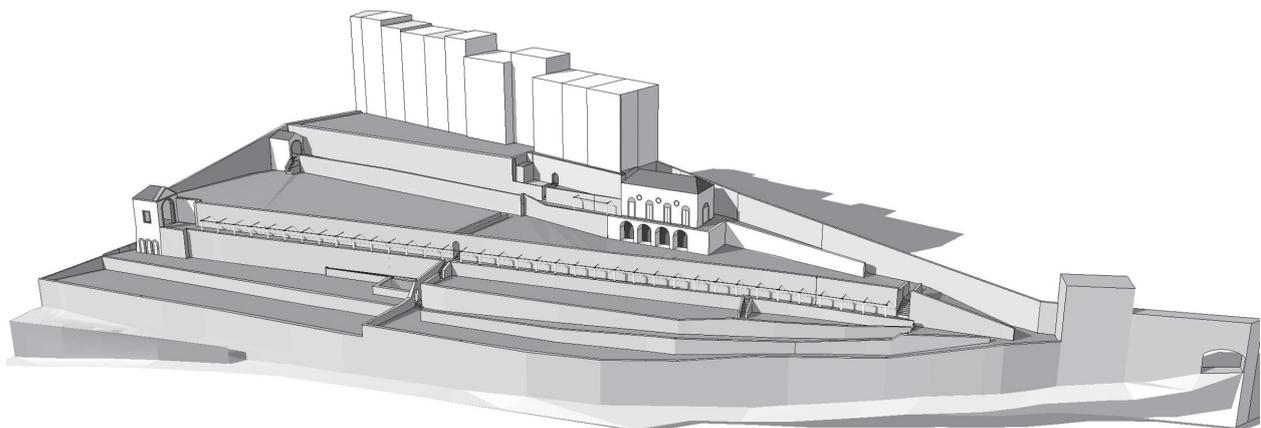
Neste contexto, diversos elementos escultóricos e de adorno são introduzidos na Cerca, concentrando-se, especialmente, na conformação dos percursos de acesso dos edifícios mencionados. Tal sucede com a colunata do terceiro patamar, os caramanchões e pintura a fresco a Este da Casa da Cerca, o corredor em arcaria do primeiro patamar, a arcaria fingida da base da Capela e a Arcaria adjacente à base do escadório central visível na fotografia de Hayes de 1970 (Alarção, 2008). No seu conjunto a conjugação destes componentes concorre para o reforço do efeito e qualidade cenográfica do espaço, particularmente evidenciado a partir do vale da Ribela ou da encosta fronteiria de Montearroio.

3.3 A secularização do espaço – século XIX

Na sequência da extinção das ordens regulares masculinas e desamortização dos respectivos bens, a propriedade do colégio é transferida para a Santa Casa da Misericórdia de Coimbra, sendo esta época marcada por significativas transformações na Cerca (fig. 7).

Desta feita, assiste-se à anulação do lance superior da escadaria central e muito provavelmente à anulação do vão de ligação ao lote de acesso à Couraça dos Apóstolos; constrói-se a escadaria junto à Capela, rematada com balaustrada; alarga-se o corredor fronteiro à Casa da Cerca, anulando-se a arcaria pré-existente; coroa-se o muro de contenção do tabuleiro principal com bancos corridos e floreiras.

Ainda em oitocentos (1887), dá-se a derrocada do muro de suporte inferior da Cerca, no seguimento do qual se estabelece um acordo entre a Santa Casa da Misericórdia de Coimbra e o município, em que este, em troca da reedificação do muro, garante o alargamento da rua a Norte e a demolição da Torre do Precónio e do Arco de Santo Agostinho (António Vasconcelos *apud* Rodrigues, 2000). Quebra-se assim a ligação física entre o edifício



6. Proposta de reconstituição da Cerca de Santo Agostinho no século XVIII.

principal, convertendo-se a Cerca num espaço perfeitamente independente. É precisamente no contexto das obras acima referidas, que se constrói a calçada em seixo, identificada nas sondagens efectuadas no tabuleiro inferior, criada, certamente, para atenuar o agravamento do declive e melhorar as condições de tracção no acesso aos patamares inferiores.

Em síntese este período é marcado por transformações substanciais patentes no redesenhar dos percursos de circulação internos e do perímetro ocidental da cerca (com a demolição da torre e porta da muralha) e pela introdução de alterações nas cotas de circulação e reconfiguração de alguns tabuleiros (de que resulta por exemplo a ocultação da arcaria fronteira da Casa da Cerca).

Em termos funcionais o terreno constitui-se em espaço de apoio ao Colégio dos Órfãos, instalado no edifício principal, registando-se então não só a exploração agrícola dos talhões inferiores, como o aproveitamento do jardim para recreio dos órfãos, usos esses que se mantêm no século XX durante a existência do colégio.

3.4 A descaracterização do espaço – século XX

O século XX revela-se sobretudo na desvalorização do conjunto, com a introdução de construções de qualidade duvidosa e redução da área da Cerca.

Em termos particulares reporta-se a esta fase o acrescento de um piso à Casa da Cerca, a construção de abrigos de animais e casebres ao longo do patamar superior, a deterioração da Capela, Casa de Fresco e diversos muros de contenção e a cedência de terreno, no sector junto ao tramo final da Couraça dos Apóstolos, para a construção do actual bloco de edifícios. O resultado mais evidente desta obra foi o estrangulamento da entrada da Cerca que se vê desprovida então de toda a dignidade arquitectónica.

Em suma, nesta altura a configuração original do perímetro da cerca vê-se notoriamente amputada e o conjunto começa a mostrar sinais preocupantes de degradação, tal como se constata na actualidade.

4. A PROPOSTA DE REQUALIFICAÇÃO DO JARDIM

Tratando-se de um exemplo raro de cerca conventual integrada na malha urbana, com elevado valor patrimonial, a sua reabilitação e abertura à Cidade é fulcral para a requalificação e valorização do território da cidade histórica. Pretende-se requalificar um dos mais importantes e nobres espaços verdes do Centro Histórico, abrindo-o à cidade através da criação de um jardim público, dotado de áreas de recreio e lazer, contribuindo também para uma melhoria da qualidade da

paisagem urbana.

Reconhece-se que a Reabilitação não é propriamente uma linha recta, estabelece cruzamentos diversos, uma vez que ao mesmo tempo que concede respostas, levanta sempre diversas questões. É um processo que, por mais bem conseguido que seja, suscita contradições dado que não se limita a um conjunto de acções fechadas, ou seja, mesmo quando as intervenções são de carácter mais pontual, as transformações que se apresentam implicam eventuais mudanças que se repercutem a diferentes níveis. Deve-se assim exigir uma consciência integrada que promova a intersecção entre as premissas das Cartas, Regulamentos e Legislação vigente do contexto da Reabilitação e Património e a nossa sensibilidade técnica.

O conceito base de intervenção prende-se em não alterar a essência base de todo aquele espaço, respeitando as directrizes estruturantes do mesmo. A proposta de intervenção tem assim uma personalidade equilibrada pois, se por um lado respeita e promove a salvaguarda das pré-existências, reserva lugar para uma modernidade ponderada. No compito geral, entre passado e presente, acaba por se destacar o desenho como um todo, e o espaço como uma composição consolidada num uso: um Jardim Histórico (fig. 8).

Respeitando os princípios de salvaguarda dos Jardins Históricos, definidos na Carta de Florença (ICOMOS, 1981) e as "Recomendações para a Análise, Conservação e Restauro Estrutural do Património Arquitectónico" do ISCARSAH – ICOMOS – Comité Científico Internacional para a Análise e Restauro Estrutural do Património Arquitectónico (Paulo Lourenço e Daniel Oliveira, 2004), a intervenção tem como principais directrizes do Projecto:

- Preservar a estrutura da Cerca, com os seus diferentes patamares e elementos arquitectónicos, reabilitando os muros de suporte;
 - Recuperar o elemento água, através da reabilitação do sistema hidráulico existente (mina, canaletes e tanques);
 - Assegurar as condições essenciais para permitir o uso público: através da criação de uma rede de percursos (com novos acessos a partir do exterior) e com a colocação de equipamento, mobiliário urbano, iluminação e sinalética;
 - Criar uma zona de Pomar (Patamares 2 e 6) e de Horta (Patamar 5A), respeitando o carácter essencialmente agrícola do passado;
 - Criar uma zona de recreio informal (Patamares 4 e 5B) associada a uma Casa de Chá;
 - Criar zonas de estadia associadas a locais com bom ensombramento e com algum interesse visual.
- Concretamente, a proposta de intervenção desenha no Patamar 2 (de uso mais imediato do Lar) um pomar

de árvores de fruto, um espaço de lazer e recreio e uma zona de estadia. Por ser o único patamar com acesso automóvel, proporciona também a carga/descarga e o estacionamento, marcado de forma subtil, entre o ritmo das caldeiras das árvores e o desenho de perfis metálicos que riscam o pavimento. Um elemento arquitectónico com interesse de conservação é o muro com as conversadeiras/canteiros.

No Patamar 3 prevê-se o restauro da Capela e da colunata, com a recuperação dos elementos existentes. Propõe-se a criação de um canteiro junto ao muro de modo a permitir a plantação de trepadeiras (caducifólias e adaptadas às condições edafoclimáticas do local) e a promover a drenagem superficial do pavimento e muros. Os elementos em falta devem assumir-se como gestos contemporâneos, com linguagem própria mas que se enquadrem na semântica do Jardim Histórico, de acordo com os princípios definidos na Carta de Veneza (1964): "*Art.º 12.º - Os elementos destinados a substituir as partes em falta devem integrar-se harmoniosamente no conjunto, distinguindo-se sempre as partes originais, a fim de que o restauro não falseie o documento de arte e de história*". O pavimento será em lajetas de calcário (junto à capela), desenhando como que um átrio de chegada, e em saibro ao longo de todo o percurso, suavizando a diferença de cotas através de uma rampa modelada no terreno, até encontrar o Patamar 4. Pretende-se que este seja vocacionado para o recreio informal, havendo a intenção de posteriormente ser construída uma Casa de Chá (Patamar 5B) e respectiva esplanada/terraço no topo do edifício (Patamar 4). Propõe-se a instalação de uma sementeira de relvado e a plantação de árvores de fruto idênticas às existentes na Cerca.

O Patamar 5A será particularmente rico do ponto de

vista sensorial, caracterizando-se por uma zona de estadia associada ao elemento de água (mina) e um espaço amplo reservado para horta. Considerando que o acesso mais fácil à Cerca, e aquele que potencialmente será mais utilizado, é o acesso a partir do Elevador do Mercado e da Rua da Fonte Nova, o Patamar 6 será um dos pontos de recepção do jardim. A presença de árvores de fruto e a configuração do espaço fazem com que este seja um espaço ideal para a instalação de um pomar, prevendo-se a plantação de fruteiras, idênticas às existentes. Respeita-se uma cadência na plantação das árvores, reforçando uma linha visual que acompanha os muros e marca o alongar do terreno ao longo dos diversos patamares, sendo particularmente visível no alçado norte.

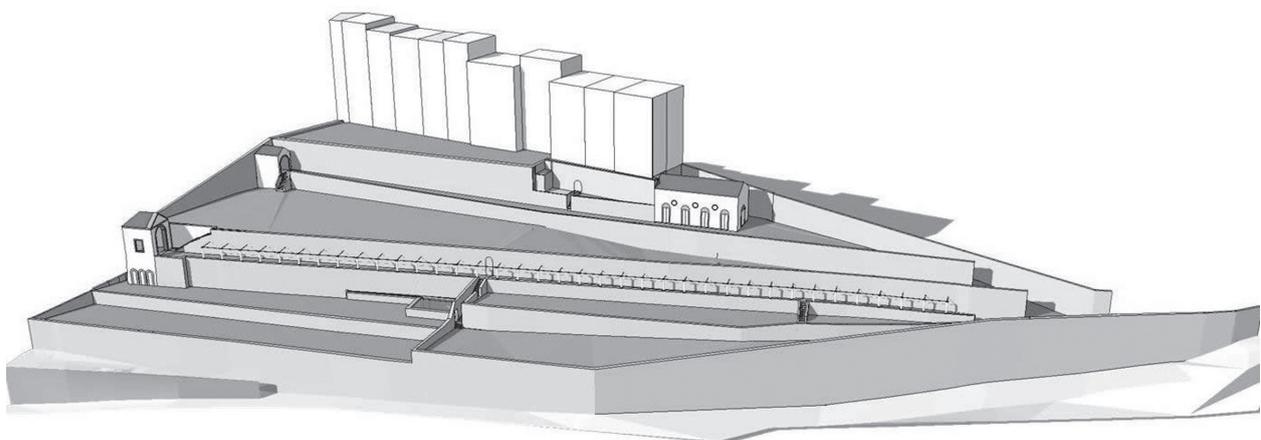
Posto isto, respeitando o existente, dignifica-se a utilização deste Jardim Histórico recriando sensações no delinear dos diversos patamares, destacando a sonoridade da água a correr, a cor das plantações, os cheiros da horta e as texturas dos pavimentos. Consolida-se o Jardim como espaço de referência, que se reintegra na cidade, contribuindo também para a (re)qualificação da paisagem urbana.

5. NOTA FINAL

Do que fica exposto importa destacar o contributo decisivo da Intervenção Arqueológica de Diagnóstico em conjugação com a concepção do Projecto de Reabilitação da Cerca de Santo Agostinho no reforço do (re) conhecimento do interesse patrimonial deste sítio.

O potencial cultural e urbanístico do local está patente e pode ser apreciado na convergência de valores de ordem histórica, arquitectónica e paisagística.

Neste âmbito não é de somenos importância a singu-



7. Proposta de reconstituição da Cerca de Santo Agostinho no século XIX.

laridade da preservação de uma cerca colegial, perfeitamente integrada e consolidada no seio de um importante centro histórico, num contexto nacional em que a pressão urbanística nas cidades favoreceu o desaparecimento e mutilação da maioria das cercas conventuais.

Para além disto há a acrescentar a qualidade do enquadramento e expressão paisagística do local, embutido na vertente da colina da cidade ostentando ao nosso olhar a superação das condições desfavoráveis do relevo natural pela antropização morfológica do terreno.

Com este estudo realça-se a importância de todo o espaço mas também se alerta para a urgência de uma intervenção de salvaguarda e protecção. Dado não ter sido possível concretizar o *Projecto de Edificação do Lar de Terceira Idade e Recuperação da Cerca de Santo Agostinho*, urge intervir, pelo menos, no que se refere aos pontos cujo estado de conservação é mais crítico, nomeadamente ao nível da Capela, Casa de Fresco, Colunata e muros de contenção.

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, Jorge de (2008) – *Coimbra a montagem do cenário urbano*. Coimbra.

BORGES, N. C. (2003) – *Colégio de Santo Agostinho: espaços monásticos-escolares*. Coimbra: Santa Casa da Misericórdia de Coimbra.

BRAGA, F. B. (1558) – *Liuro das constituições, & costumes que se guardã em os Moesteyros da Congregaçam de Sancta Cruz de Coimbra, dos Canonicos Regulares da Orde do nosso Padre Sancto Augustinho*. Imprensa do Mosteiro de Santa Cruz.

BRANDÃO, M. (1937) – *Cartas de Frei Brás de Braga aos Priores do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra*. Coimbra: Imprensa Académica.

CORREIA, V. e GONÇALVES, A. N. (1947) – *Inventário Artístico de Portugal - Cidade de Coimbra*. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes.

CRAVEIRO, M. L. (2006) – O Colégio da Sapiencia ou de Santo Agostinho, na Alta de Coimbra. *Monumentos*. Lisboa. 25, p. 68-75.

ICOMOS-IFLA, International Committee for Historic Gardens (1982) – *Carta de Florença*.

LOURENÇO, P. B. e OLIVEIRA, D. V. (2004) – *Recomendações para a análise, conservação e restauro estrutural do património arquitectónico*. Guimarães: Universidade do Minho.

MARIA, N. de S. (1668) – *Chronica da Ordem dos Conegos Regrantes do Patriarca S. Agostinho, pello P. Dom Nicolau de S. Maria, natural de Lisboa, Conego Regrante, & Chronista da Congregaçã de S. Cruz de Coimbra*. Lisboa: officina de Joam da Costa.

RODRIGUES, M. A. (Coord.) (2000) – *António Vasconcelos perpetuado nas páginas do Correio de Coimbra 1922-1941*. Coimbra: Arquivo da Universidade de Coimbra.

SILVA, A. C. (1992) – *A Criação e Levantamento do Colégio da Sapiência (vulgo Colégio Novo ou dos Órfãos)*. Coimbra.